

Capella-mór da egreja do Bom Jesus do Monte, em Braga

Em o vol. VII d'este jornal tratâmos da historia e descripção do Bom Jesus do Monte, em uma serie de artigos acompanhados de gravuras, que mostram as partes mais notaveis d'este famoso e venerado sanctuario. Entre essas gravuras vê-se a da magestosa frontaria do templo, que senhorilmente campeia no alto da montanha selvosa. Agora damos em gravura, copiada de uma excellente photographia, o interior da capella-mór do mesmo templo.

É a capella-mór, como toda a egreja, ampla, de boas proporções, e de nobre e esbelta architectura. Porém a qualidade da pedra de que é construida, não obstante ser do mais fino granito que se encontra no districto de Braga, não permitte delicadezas de esculptura, nem tem o brilho e vivas côres do marmore. Por conseguinte, apesar dos esforços do architecto, e da liberalidade com que lhe abriu os seus cofres a confraria fundadora, não apresenta aquelle templo, sobre tudo interiormente, a magnificencia que se observa nas melhores egrejas das provincias do sul do reino.

Todavia, a capella-mór, embora não ostente riqueza de materiaes nem de primores de arte, não deixa de ser sumptuosa. Dão-lhe jus a esse titulo, principalmente, o elegante baldaquino que lhe cobre o altar, e a representação do Calvario com as figuras de tamanho natural, o que offerece uma bella perspectiva a quem se colloca no meio do corpo da egreja.

É de madeira a balaustrada que separa a capella-mór do cruzeiro. São guarnecidas as paredes da mesma capella de pilastras corinthias, entre as quaes se abrem largas tribunas com balaustres de pedra. De-

coram as ditas paredes dois quadros de soffrivel pintura, representando um Jesus Christo a dar vista ao cego, e o outro o mesmo Senhor perdoando á mulher adultera.

O baldaquino é de madeira mui bem trabalhada, e com os ornatos esculpturaes doirados. O altar é construido de uma pedra inteiriça de granito, ornamentada no frontal com diversos lavores. Sob a pedra d'ara foi depositado um cofre com reliquias santas no anno de 1857, por occasião de se reconstruir o dito altar e celebrar-se a sagração do templo. Está encerrado no mesmo cofre um pergaminho, contendo a relação das reliquias alli guardadas, escripta em latim. Vertido em vulgar, diz assim o manuscripto:

«Aos dez dias do mez de agosto de 1857, eu D. José Joaquim de Azevedo e Moura, arcebispo e senhor de Braga, primaz das Hespanhas, consagrei esta egreja e altar em honra de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado; e encerrei n'elle as reliquias do lenho da Santissima Cruz, da columna da flagellação do mesmo Senhor, do véo da Beatissima Virgem Maria, da capa de S. José, Esposo da mesma Beatissima Virgem, e dos ossos dos Santos Apostolos Pedro, Paulo, André, Thiago Maior, Thomé, Thiago Menor, Bartholomeu, Matheus, Simão, Thadeu, Mathias e Barnabé. E a cada um dos fieis christãos que visitarem a mesma egreja concedi hoje um anno, e no dia anniversario d'esta consagração quarenta dias de verdadeira indulgencia na fórma costumada da egreja.»

Por detraz do altar-mór ergue se o Calvario, que occupa todo o fundo da capella-mór. No primeiro plano estão dois soldados meio deitados, jogando os dados sobre a tunica de Jesus Christo. Na parte superior do monte está Jesus Christo crucificado entre o bom e o mau ladrão. Em volta da cruz do Redemptor acham-se sua Mãe Santissima, S. João Evangelista, as tres Marias e Santa Maria Magdalena: esta ultima prostrada e abraçando a cruz. Em diversos logares da montanha vêem-se o centurião e mais cinco soldados, além dos que ficam mencionados, empunhando um d'elles o estandarte com as letras *S. P. Q. R.*, iniciaes de *Senatus Populus Que Romanus*, senado e povo romano.

A cruz com o Salvador está levantada dentro de um rico tabernaculo. A imagem de Jesus Christo é mui perfeita. Mandou-a vir de Italia, e offereceu-a á confraria no anno de 1776, o arcebispo de Braga D. Gaspar de Bragança, filho legitimado del-rei D. João v.

Todas as figuras são de madeira e trajadas ao natural. Não se póde dizer que a esculptura seja primorosa. Todavia, os seus rostos não são faltos de expressão, e as suas posições tem naturalidade.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A PASSAGEM DO BOJADOR

(Conclusão. Vid. pag. 323)

II

O QUARTO DA MADRUGADA

Lá vae a fragil barca sulcando as ondas do mar africano; já lhe fica pela pópa o cabo de Não, a balisa fatal das navegações da edade média. Já lá fica tambem longe a mesa do cabo de Não, alta montanha que se levanta no meio do longo areial d'essa costa, como unico ponto de reparo em que se póde demorar a vista dos navegantes.

Vae quasi a findar a noite, mas nem só a gente de serviço está desperta; ninguem dorme, e toda a tripulação, agrupada á prôa, conversa em voz baixa, olhando com terror para a costa, onde pallidos reflexos scintillam entre a névoa produzida pela resaca, alli fortissima, da onda.

É a lua que se vae a sumir, e que faz brilhar, antes de desapparecer no horisonte, as areias da praia.

Sentado á pópa, envolto n'um amplo manto moirisco chamado *alquice*, divisa-se um vulto pensativo: é o vulto de Gil Eanes.

Nada ha, comtudo, que pareça infundir terror; sopra brandamente o vento de feição, a onda quebra preguiçosa no costado da barca, e no ceo azul e sereno scintillam o luar e as estrellas.

O Oceano parece embalar no dorso das suas vagas a barca aventureira; dir-se-hia que o luar dorme recostado no leito de espumas que branqueia.

Mas o terror transluz na physionomia e nas fallas dos marinheiros agrupados á prôa.

— Lá vae a costa parece que a desfazer-se, dizia em voz baixa um dos algarvios, relanceando a vista para a terra, que mal se distinguia entre a névoa da resaca; quando chega ao Bojador some-se de todo, e está-se no mar das Trevas.

Um calafrio correu pelas veias dos circunstantes.

— Já houve imprudentes que o demandaram, exclamou um velho marinheiro de voz auctorisada e grave; foram portuguezes tambem; as aguas eram negras como breu, as ondas referviam e erguiam-se como montanhas; os nossos patricios fizeram o signal da cruz e investiram para diante; nunca mais se soube d'elles; um barinel que não se atreveu a avançar voltou a Portugal, mas ninguem na nossa terra conhecia os maritimos; tinham ido na flor da mocidade, voltavam de cabellos brancos.

— Credo! bradou um moço de Lagos, passando involuntariamente a mão pelos cabellos negros, e lembrando-se da noiva gentil, que lhe dera ao embarcar, lavada em lagrimas, o beijo da despedida.

— Mas ó sr. Lourenço Dias, tornou o primeiro que fallára, como estivestes lá nos reinos do Norte, haveis de saber a historia de um santo, que dizem que andou por esses mares, e que chegou até ao paraiso de Deus.

— É verdade, tornou Lourenço Dias, o Nestor da assembléa; quando eu fui á Irlanda, a Galway, ou como demonio se chama a terra do tal loiraça que foi criado do sr. infante, os marinheiros irlandezes contaram-me a historia de S. Brandão.

Todos se acercaram com curiosidade.

— Chegou ao paraiso, isso é que não tem dúvida; mas o que passou antes de lá chegar? Este mar está semeado de ilhas que pertencem a Satanaz, e onde os que lhe entregaram as almas soffrem as penas do inferno. N'uma estava sósinho Judas o traidor; n'outra não se ouviam senão gemidos e prantos; sentiam-se n'outra as patadas de cavallos de fogo, que galopavam sempre, sempre, montados por infelizes que soltavam gritos horriveis. S. Brandão, como era santo, zombou do cão tinhoso, e chegou a uma ilha resplandecente, que era o paraiso, onde cantavam passaros de oiro, azas de prata, peito de purpura e de açafrão; quando voltou á Irlanda trazia ainda no fato um aroma suave, que bem se percebia não ser da terra.

Os marinheiros olharam uns para os outros enlevados.

— Quem me dera lá ir tambem! disse o enamorado moço de Lagos.

— Tu és santo? redarguiu Lourenço Dias. Se és santo, arrisca-te; mas olha que primeiro deves fazer voto de castidade.

O interpellado torceu o nariz e não replicou.

O vento refrescára com a aproximação da madrugada, e os seus gemidos funebres assimilhavam-se aos queixumes das almas penadas; muito ao longe ouvia-se um som rouco e mal distincto, como do mar quebrando com furia nos rochedos.

A companha caíra em silencio profundo; mas o terror pintava-se em todas as physionomias.

O vento gemia lugubremente nas enxarcias; o mar tingíra-se de um vermelho escuro; parecia ter perdido a liquidez, e na superficie baça das vagas ficára por largo espaço traçada a esteira da barca aventurosa.

Os marinheiros contemplavam com terror esse phenomeno, cuja causa é conhecida hoje de todos os navegantes; para o sul do cabo de Não, a muita areia soprada pelo vento do deserto avermelha as aguas do Oceano e torna-as espessas; mas os marinheiros de Gil Eanes julgavam que era um prenuncio da approximação do mar Tenebroso.

De repente levantaram-se todos, exclamando:

— Jesus!

O navio corria com uma velocidade pasmosa.

— É a corrente, é a corrente do Bojador! exclamou um dos marinheiros.

— Estamos perdidos, bradou o enamorado.

— Vira de bordo, vira de bordo, gritou Lourenço Dias com voz clara, mas trémula.

Os marinheiros já corriam á manobra.

Porém Gil Eanes desembuçára-se com presteza, e na sua mão luzia a espada.

— O primeiro que dá um passo morre, disse elle.

Os marinheiros estacaram.

— Não morre ninguem, acudiu Lourenço Dias recobrado do primeiro assombro; o navio já vae levado pela corrente para o mar das Trevas; não nos importaria perder as vidas, mas não queremos perder as almas.

— É verdade, é verdade, bradaram os marinheiros.

Gil Eanes abaixou a espada com melancolia.

— Ide pois, disse elle, já que tendes animo para apparecerdes diante do sr. infante sem terdes cumprido a vossa promessa; mas antes d'isso lançae-me um batel ao mar, e deixae-me ir sósinho demandar o Bojador.

— Sósinho! exclamaram os marinheiros.

— Sósinho, sim, o que prometti hei de cumpril-o; terei por mortalha as vagas, mas o infante D. Henrique não me dirá, ao menos, quando eu voltar: «Sois perjuro e sois covarde.»

— Covarde!

— Covarde, sim; porque tão covarde é quem recua diante do inferno quando se trata de servir a Christo, como quem recua diante dos inimigos quando se trata de servir el-rei.

Houve um momento de silencio.

— Deus tenha piedade das nossas almas! disse em fim Lourenço Dias. Invistamos com o Bojador!

O navio continuava a correr, impellido pelo vento, com a mesma velocidade; o costado gemia, quando a barca se inclinava toda, obedecendo á pressão da vela.

— Animo, meus bravos companheiros! exclamou Gil Eanes. Deus é comnosco. Todos a postos.

Os marinheiros chegaram para a manobra. O ruido do mar, quebrando ao longe com furia, era cada vez mais distincto; o referver das ondas indicava a approximação do promontorio; a barca jogava com violencia.

Ouvia-se o murmurio das orações que todos rezavam n'esse momento supremo; Gil Eanes, pallido mas firme, encostado ao mastro da barca, preparava-se para montar o cabo.

De subito divisa-se ao longe uma enorme lingua de terra que entra a grande distancia pelo mar dentro; as ondas refervem n'um vortice medonho, ouve-se o estampido do Oceano quebrando com furia nos rochedos, e vê-se uma nuvem de espuma que tolda ao longe a fronte pouco elevada das dunas de areia.

— O Bojador! o Bojador! exclamam todos pávidos caíndo de joelhos.

— Coragem, amigos! brada a voz sonora de Gil Eanes, dominando o rugir do Oceano e o sibilar do vento. Coragem! o nosso nome será grande no futuro, e nossos netos hão de se gloriar de terem por antepassados os companheiros de Gil Eanes!

E, excitado por uma verdadeira febre de enthusiasmo, o bravo marinheiro commanda a manobra. Muda de rumo para oeste e segue longo tempo essa direcção, coisa que sempre assustava os mareantes d'esse tempo. A sua voz, em que não se conhece a minima alteração, e que vibra cheia e sonora no meio dos rumores do Oceano, infunde animo em todos os marujos.

Está-se já proximo da extrema ponta occidental do cabo. Reina o silencio absoluto na embarcação. Á luz dubia da madrugada parece mais desmaiada ainda a pallidez de todas as physionomias.

Gil Eanes descobre-se vagarosamente.

— Senhor, diz elle com voz grave; é só para mais longe plantarmos a arvore da cruz que ousámos devassar os mysterios do Oceano. Se vos agrada a nossa tentativa, protegei-nos, Senhor; mas se involuntariamente vos offendemos, acolhei-nos na vossa misericordia, Deus Omnipotente!

— Misericordia, Senhor! bradou a companha caíndo de joelhos.

Um ultimo impulso do leme quebrára o velho encanto. Estava dobrado o cabo Bojador. Todos se ergueram soltando um grito de enthusiasmo.

O sol surgíra a final no oriente, e o seu alegre resplandor mostrava aos espantados marinheiros a terra ondulada e arenosa que seguia para o sul do famoso promontorio; até onde a vista podia alcançar para o lado do Oceano viam-se espumar as ondas alegres e luminosas; na terra nem sombra de estatuas, no mar nem vestigio de negras vagas. O sol banhava-se com delicias no seio esverdeado das aguas, e os seus raios brincavam á flor da espuma como scintillantes golphinhos.

— Graças vos sejam dadas, Senhor! exclamou Gil Eanes em quanto a barca, aplacada a velocidade da corrente, seguia, embalando-se airosa, para ir fundear n'um ancoradoiro proximo.

E ajoelhou. Um rio de lagrimas corria-lhe pelas faces bronzeadas.

De tantos marinheiros rudes que o acompanhavam, não houve um só que não chorasse; mas eram prantos de alegria.

Estava montado o cabo Bojador; estava praticada a maior façanha da historia moderna, maior não pelo que ella em si valia, mas pelas consequencias que viria a ter. Diante da audacia de Gil Eanes caíra a terrivel porta que tinha cerrada para a civilisação metade do globo terrestre. Agora os outros que seguissem o caminho que elle traçára; estavam quebrados os encantos, desfeitas em pó as estatuas mysteriosas que a imaginação dos arabes alli erigira como guardas de desconhecidos mundos.

III

AS ROSAS DE SANTA MARIA

Os marinheiros que passassem n'esse anno de 1434 á vista do cabo de S. Vicente podiam divisar todas as tardes, ou estivessem o mar e o ceo serenos, ou a onda quebrasse com furia nas penedias da costa, e o vento soprasse rijamente, açoitando as arvores enfezadas de Sagres, um vulto immovel n'este ultimo promontorio, mirando com olhos longos o extremo horisonte, onde se atropellavam as ondas como a espumante matilha do Scylla do paganismo.

Era o infante D. Henrique, duque de Vizeu, que vinha todos os dias espreitar a volta da barca de Gil Eanes.

E todos os dias voltava suspirando a palacio, porque nenhuma vela branca surgia no horisonte distante.

Uma tarde em que o sol se escondia nas aguas, es-

coltado por um cortejo magnifico de nuvens de purpura e oiro, mas em que o vento agudo, encrespando a face das ondas, arripiava as carnes, D. Henrique voltava, cançado de esperar, para palacio, deixando que o sol se atufasse nas aguas sem o ter a elle por espectador.

Quando se retirava, murmurou com um suspiro:

— Meu pobre Gil Eanes!

— Quem passar o cabo de Não ou voltará ou não, disse sentenciosamente um dos seus companheiros.

O infante fez um gesto de impaciencia, e voltou a fitar de novo os olhos no Oceano.

Subito soltou um grito.

— Que ponto branco é aquelle que eu diviso além? perguntou D. Henrique apontando para sudoeste.

— É uma vela, senhor, é uma vela! acudiu um dos pilotos de que elle sempre andava rodeado.

— É a barca de Gil Eanes! exclamou o infante com um grito de alegria.

O navio aproximou-se, e o sol poente, banhando-o com os seus ultimos raios, transformava-o n'uma d'essas galés doiradas com velas de purpura que deslisavam no archipelago ao longo das plagas resplandecentes da Grecia.

— É ella, é ella! bradaram todos com enthusiasmo.

— Meu bravo Gil Eanes! exclamou o infante.

Correram todos á praia.

Como se ha de descrever a scena de alegria, de enthusiasmo, que alli se passou, quando a barca lançou ferro?! N'um momento se viu rodeada de botes, e no convez não cabiam os visitantes que se atropellavam. A confusão era inacreditavel, mas póde-a conceber quem se lembrar de que a tumultuosa assembléa se compunha pela maior parte de algarvios.

Entretanto Gil Eanes desembarcava e era recebido nos braços do infante.

— Senhor, disse elle, a minha promessa está cumprida; foi montado o cabo Bojador. A terra para além do promontorio é arenosa, e n'ella não encontrei nem rastos de homens, nem de habitações. Para prova, comtudo, da minha estada lá, aqui vos trago estas rosas de Santa Maria, colhidas ao sul do Bojador. Dissestes-me que Enéas colhêra o ramo de oiro para penetrar nas regiões do inferno; estas rosas, que tem o nome da Virgem Santa, valem de certo mais do que o ramo de oiro da profana sibylla. Aqui vol-as entrego, senhor.

— Ah! meu valente Gil Eanes! exclamou o infante apertando-o nos braços; perante os teus feitos como desmaiam as acções do troyano Enéas! Se esta terra não for mais escassa de poetas do que de heroes, haverá um Virgilio para cantar tão gloriosas viagens; e se a posteridade não for ingrata, o teu vulto, lavrado em marmore, ha de lembrar sempre ao mundo a heroica façanha com que soubeste grangear a immortalidade.

E, encostando-se-lhe ao braço, dirigiu-se, conversando sempre, para o palacio da sua residencia.

Enganava-se o nobre infante. Não faltou um Virgilio aos navegadores portuguezes, pois que tiveram Camões; mas onde campeia a estatua de D. Henrique? do glorioso iniciador dos nossos descobrimentos? do homem a quem mais deveu a patria? de um d'aquelles a quem mais deveu o mundo? E, se foi olvidado o homem do pensamento, como o não seria tambem o homem da acção? Somos pobres, e não estranhâmos que, onde ha tantos heroes a reclamarem o pagamento de uma divida, faltasse uma estatua a Gil Eanes; mas o heroe que primeiro montou o pavoroso promontorio não merecia que ao menos a geração que se lhe seguiu indagasse onde lhe repoisavam as cinzas? Fomos grandes outr'ora, somos hoje pequenos, mas, pequenos ou grandes, uma coisa fomos sempre: ingratos!

M. Pinheiro Chagas.

ROMA

O MAUSOLÉO DE ADRIANO E CASTELLO DE SANTO ANGELO

(Conclusão. Vid. pag. 324)

Benedicto XIV, que subiu ao throno pontifical em 1740, mandou arriar a estatua de S. Miguel, em marmore, que coroava o castello de Santo Angelo, substituindo-a por outra do mesmo anjo, egualmente colossal, e cinzelada em bronze por Pedro Verschaffelt, esculptor allemão.

Procedendo-se a diversas obras na fortaleza em 1825, sob a direcção do major Bavari, descobriu-se a entrada primitiva do edificio, situada em face da ponte.

Ultimamente, depois dos acontecimentos de Mentana, tem sido muito melhorado, por ordem de Pio IX, o estado defensivo do castello de Santo Angelo, achando-se ao presente guarnecido de boa artilheria.

O magnifico fogo de artificio, com que se costuma festejar em Roma o dia de S. Pedro, era deitado outr'ora do alto do castello de Santo Angelo. Desde o anno de 1830, este espectaculo tem por theatro o monte Pincio.

Considerada como praça de guerra, esta fortaleza é commandada por um official superior, e tem uma guarnição numerosa de tropa escolhida. São os seus canhões que annunciam aos habitantes de Roma o raiar da aurora nos dias mais festivos da christandade; e são elles tambem que advertem os romanos quando o summo pontifice, nas grandes solemnidades da egreja, lança a benção papal *urbi et orbi*.

Do antigo monumento apenas resta de pé a grossa muralha circular, que formava o seu primeiro corpo, ou envasamento, agora despojado, como dissemos, do seu revestimento de grandes pedras de marmore de Paros. As canhoneiras que coroam a dita muralha, e o exterior do edificio que sobre ella se levanta, é tudo obra das diversas reconstrucções de que temos fallado, feitas com o fim de aproveitar para fortaleza os restos quasi informes do mausoléo.

O edificio superior é habitação do governador do castello. Interiormente conserva muitos vestigios do que outr'ora foi. Encerra uma capella dedicada a S. Miguel, como já referimos em outro logar, e varias salas e camaras, em tres pavimentos. A sala principal é muito espaçosa e tem excellentes pinturas. A rampa mencionada a pag. 325, que no monumento primitivo conduzia do portico da entrada até ao mais alto do edificio, termina presentemente em uma camara, situada em uma das extremidades do primeiro d'aquelles tres pavimentos.

O interior da fortaleza propriamente dita pouca mudança offerece na sua antiga estructura, que consiste em paredes e abobadas de muita espessura e de extraordinaria solidez, fazendo divisão a alguns, não muitos quartos, a compridos corredores e á rampa acima referida. Aqui são os carceres e os aquartelamentos da tropa da guarnição.

Das magnificencias do monumento do imperador Adriano restam, em differentes cidades, algumas obras de arte de primoroso lavor. Os museus de Munich e de Florença possuem duas bellas estatuas de marmore, as unicas, que se saiba, que existem inteiras d'entre tantas que ornavam o mausoléo de Adriano. A do museu de Florença representa um fauno dançando, e é obra admiravel. A do museu de Munich é tambem um fauno, mas tão formoso, que ainda goza de maior celebridade entre os entendedores como um verdadeiro primor artistico.

No museu do Vaticano existe a cabeça da estatua colossal do imperador Adriano, que, segundo a melhor opinião, campeava sobre o seu soberbo mausoléo. Alguns antiquarios pretendem que essa estatua

se achava collocada em um nicho, que, com effeito, existe na parede de uma sala quadrada e subterranea descoberta em 1825. Na opinião d'estes archeologos, a cupula do mausoléo de Adriano era rematada por uma grande pinha.

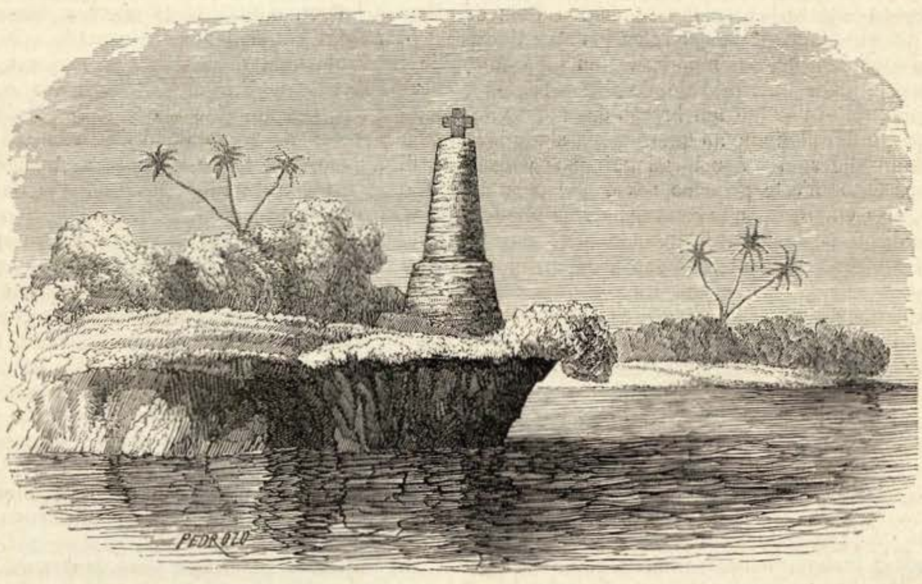
A antiga ponte Æliana, *pons Ælius*, que communica o castello de Santo Angelo com a margem esquerda do Tibre, tem sido mais respeitada dos barbaros e mais bem preservada do tempo que o famoso mausoléo de Adriano. Até aos fins do seculo XVII conservou-se intacta e em bom estado, salvas pequenas reparações. N'aquella epocha foi guarnecida de uma renda de pedra, servindo-lhe de guardas, com estatuas colossaes de marmore, representando anjos com os emblemas da paixão nas mãos. Esta obra é do celebre esculptor Bernini e de seus discipulos.

Não obstante pesarem sobre esta ponte mais de dezesete seculos, o seu estado de conservação e a solidez da sua construcção parecem ainda desafiar a acção corrosiva dos seculos futuros. I. DE VILHENA BARBOSA.

PADRÃO DEL-REI D. MANUEL, EM MELINDE

Um dos objectos mais conspicuos ao viajante que aporta á cidade de Melinde, no Zanguebar, é o padrão do Santo Espirito, levantado, na latitude de 3° 12′ 48″ S. e na longitude de 40° 6′ 10″ E. Gr., por Vasco da Gama em 1498, cuja estampa publicâmos para comprazer ao sr. marquez de Sá da Bandeira, a quem tivemos a honra de apresentar uma cópia da vista original, com que nos mimoseou na ilha da Madeira o almirante britannico A. T. E. Vidal, que a desenhou em 1825, sendo tenente da expedição hydrographica encarregada da exploração da Africa e Arabia sob as ordens do capitão Owen.

Este apreciavel monumento de nossas passadas glorias está assente a 4 metros de altura sobre o mar, n'uma ponta estreita e plana de rocha de madrépora, perfurada por dois arcos naturaes, em cuja base rugem de contínuo as vagas. Serve ainda hoje de balisa



Padrão del-rei D. Manuel, em Melinde

ao ancoradoiro, e de indicar o caes de uma pequena angra de pouco fundo e de grande tráfego de lanchas.

Occupa uma posição pittoresca, de aprazivel e risonho contorno, coberto de vegetação e de esbeltas palmeiras, e de arecaes, e sua posição recorda o sitio em que o descobridor da India recebeu o piloto moiro Guzarate Malemo Canaqua, que o conduziu a Calecut.

Este bello desenho, tão fiel e exacto que nos dispensa uma circunstanciada descripção, mostra que o padrão tem sido religiosa e perfeitamente conservado pelos arabes, ou seus invasores; e, segundo o testimunho do capitão Owen, as armas de Portugal ainda ornavam a cruz, e, se existíra alguma inscripção, estava totalmente obliterada. As *Lendas da India* dizem-nos qual ella fôra, porque o capitel de marmore, segundo Gaspar Corrêa, «tinha em cima o escudo das quinas com sua coroa, e da outra banda outro escudo, em que estava a esphera, e ao pé letras doiradas que diziam *Rey Manuel.*»

Segundo o capitão Owen, foram nove os padrões levantados pelos portuguezes para recordar as datas da descoberta e soberania christã. Tres d'elles, com as invocações de S. Jorge, Santo Agostinho e Santa Cruz, foram levantados por Diogo Cam no rio Zaire, em cabo Negro, e Manga das Areias ou Porto de Pinda. Este ultimo demarca a partilha do paiz dos Cimbebas dos Hotentotes; e, segundo uma carta de W. Messen, publicada no *Nautical magazine* de 1855, citada por mr. Major na *Vida do infante D. Henrique*, estava ainda bem conservado, faltando-lhe apenas um dos braços da cruz. O antigo padrão da foz do Zaire vem desenhado e descripto no *Almanach de lembranças* de 1864 pelo sr. A. F. M. de Sory, e, segundo o *Boletim do governo geral de Angola* de 24 de setembro de 1859, foi renovado, pondo-se-lhe a seguinte inscripção embebida na pedra:

«Diogo Cam levantou n'este sitio um padrão de pedra no anno de 1494, quando descobriu o rio Zaire e as costas adjacentes, de que tomou posse em nome de D. João II de Portugal; havendo aquelle padrão sido arruinado pela acção do tempo, foi por este substituido em o anno de 1859, sexto do reinado de D. Pedro V.»

Pela parte opposta, e em relevo, estão as armas portuguezas e a legenda *In hoc signo vinces*.

Na obra inédita de Duarte Pacheco Pereira, intitulada *Esmeraldo, De situ orbis*, mss. existente na bibliotheca publica de Lisboa, cópia do de Evora, se descreve os padrões de Diogo Cam, e os de S. Thiago, S. Filippe, e Santa Cruz ou S. Gregorio, levantados por Bartholomeu Dias em Angra Pequena, cabo da Boa Esperança, e penedo das Fontes ou ilhéo da Cruz, di-

zendo que cada um tinha tres letreiros, um em lingua portugueza, outro em latim e outro em arabico, que fallava do rei que os mandára descobrir e em que tempo.

O padrão de S. Thiago situado na latitude de 26° 38′ 4″ S., e na longitude de 15° 2′ 5″ E., foi derrubado em 1785, segundo conjectura o capitão Owen, com o unico intuito de se obterem algumas moedas que estivessem depositadas no alicerce.

Além do padrão de Melinde, levantou Vasco da Gama na costa oriental da Africa mais dois com as denominações de S. Raphael e S. Jorge, no rio dos Bons Signaes (Zambezi), e em Moçambique, n'uma ilha onde na ida para a India se dissera missa, e na volta, em 2 de fevereiro de 1499, fôra tanta a chuva, que nunca se pôde accender fogo que derretesse o chumbo para pôr a cruz, ficando sem ella, segundo refere o roteiro da viagem de Vasco da Gama. N'este logar parece que existe hoje um pharol.

Os padrões levantados pelos portuguezes tinham todos o sacrosanto symbolo da Redempção, para indicar o principal fim dos seus descobrimentos, e habituar desde logo os idolatras e selvagens com a vista do emblema da christandade; e ou estes padrões representassem confederação, paz e amizade; ou soberania, direito, posse, data e prioridade de descobrimento, todos são indubitavelmente um brazão das nossas antigas glorias, e um monumento que recorda ainda hoje ao navegante que aporta áquellas longinquas plagas, os gloriosos feitos d'este pequeno povo, que pela ousadia das suas emprezas, e pelas descobertas que fez, se immortalisou na historia da humanidade, abrindo ao antigo mundo, como diz o nosso primeiro épico:

«D'Africa as terras, do Oriente os mares.»

A. P. DE A.

MARCOS ANTONIO PORTUGAL

(Vid. pag. 311)

IV

Primeiro que prosigamos historiando o mais que da vida do nosso insigne artista podémos alcançar, com respeito á quadra derradeira da sua aliás não longa vida, cabe apresentar aqui a resenha geral e seguida de todos os seus trabalhos, tal como foi possivel coordenal-a á face de documentos. Occorre-nos que ella convem tanto mais n'este logar, quanto é certo que a maxima parte das composições enumeradas eram obras compostas, executadas e conhecidas antes da passagem de Marcos para o Brasil, em 1810 ou 1811, pois que dos seus trabalhos posteriores a essa epocha houvemos apenas vagas e escassissimas noticias. Se, pois, se attender a que tudo isto, e o mais de que não ha fazer menção especial, como arias, duetos e outras obras soltas, e grande variedade das chamadas *modinhas*, foi emprehendido, disposto e executado no intervallo de menos de trinta annos, e antes de completar os cincoenta de edade, ficarão bem patentes os esforços do genio, e a inexcedivel fecundidade do *maestro* portuguez.

OPERAS DE MARCOS PORTUGAL CANTADAS NO REAL THEATRO DE S. CARLOS DE LISBOA

1. *La donna di genio volubile:* drama jocoso representado a 23 de janeiro de 1799, e desempenhado por Crescentini, Caporalini, Schira, Praun, etc. Não podémos ver o libretto d'esta opera, que, como se disse, fôra cantada em Veneza em 1796.

2. *Rinaldo d'Asti:* drama jocoso representado a 25 de abril de 1799, anniversario da princeza do Brasil D. Carlota Joaquina. O poema foi de novo arranjado pelo poeta Caravita, e reduzido a dois actos, de um só, com que já fôra representado em Veneza em 1793, e no anno seguinte, traduzido para portuguez, e com diversa musica, no theatro da Rua dos Condes, em Lisboa. Foram executantes em S. Carlos os castrados Caporalini e Zamperini, Praun, Tavani, etc. Note-se que outra peça com egual titulo, musica de Sacchini, subíra á scena em Paris a 25 de fevereiro de 1783.

3. *Il barone di Spazzacamino:* drama jocoso em um acto, cantado a 27 de maio de 1799, em beneficio de Giuseppe Tavani. Executantes: Schira, Caporalini, Rostrelli, etc. É a mesma peça que havia sido cantada em Veneza em 1793, sob o titulo *Il principe di Spazzacamino.* Fôra tambem transportada em portuguez com musica apropriada, e o titulo mudado no de *Basculho da chaminé*, representada no theatro da Rua dos Condes em 1794.

4. *Adrasto:* drama serio cantado em S. Carlos no anno de 1800. Não se nos deparou até hoje o libretto d'esta opera, a qual vemos, comtudo, mencionada por Marcos no seu muitas vezes citado catalogo.

5. *L'isola piacévole:* opera cantada a 26 de janeiro de 1801, da qual só achámos noticia nas *Ephemerides musicaes* de T. Oom (*Revista dos espectaculos*, tomo II, pag. 156). Não vimos o libretto, nem apparece mencionada no catalogo de Marcos.

6. *La morte di Semiramide:* drama serio representado no inverno de 1801, e desempenhado por Catalani, Crescentini, Praun, Domenico Nery, etc. Parece que este assumpto ha sido objecto de predilecção para os compositores em todos os tempos. No real theatro de Salvaterra foi representada, em 25 de janeiro de 1771, a *Semiramis* de Jomelli. No de S. Carlos de Napoles, a 12 de janeiro de 1795, a de Fred. Henrique Hummel. No de S. Carlos de Lisboa, em 1798, outra de Borghi. Veiu, finalmente, a de Rossini (representada pela primeira vez n'este ultimo theatro em 1826), a qual ha feito esquecer as anteriores. Dizem-nos que em S. Carlos se conserva ainda completa a partitura da *Semiramis* de Marcos, unica que alli existe de todas as que para este theatro compozera o nosso *maestro* [1].

7. *La Sofonisba:* drama serio, poema de Metastasio, arranjado pelo abbatte del Mare Compagno. Foi cantado no carnaval de 1803, no beneficio de Catalani, sendo executantes, além d'esta, Crescentini, Praun, Boscoli, etc.

8. *Il trionfo di Clelia:* drama serio, poema de Sograsi, arranjado por Caravita. Subiu á scena em 1803, e foi desempenhado por Catalani, Crescentini, Angelleli, Panizza, etc.

9. *La donna cambiate:* drama jocoso em um acto, poema de Giuseppe Fota, representado na primavera de 1804, a beneficio de Antonio Palmini. Executantes: Gafforini, Antonio Naldi, Pedrozzi, Palmini, etc. Esta peça é a mesma que em 1797 fôra cantada em Veneza sob o titulo *Diavolo a quatro ossia la donna cambiate.*

10. *Argenide:* drama serio representado a 13 de maio de 1804, anniversario do principe regente. Executado pela Catalani, Mombelli, Mattucci, Olivieri, etc. Fôra esta opera pela primeira vez cantada em Florença, no theatro alla Palla-corda, em 1797 (outros querem que em Bolonha, 1795), porém com musica diversa em parte, e sob o titulo *Il ritorno di Serse.* Depois de reformada, e com o mesmo titulo, cantou-se tambem em Londres no anno de 1806.

11. *Zaira:* drama serio arranjado por Caravita, com grande baile da composição de Domenico Rossi,

[1] N'esta opera, com que a Catalani se estreiou em Londres em 1806, ha sobre tudo uma aria *Son regina*, que valeu á cantora extraordinarios applausos nas constantes repetições que d'ella deu nos theatros mais afamados da Europa.

representado no estio de 1804, e executado por Catalani, Mombelli, Gaetano Nery, Praun, etc. Posto que o libretto accuse a data 1804, parece que a opera estava composta pelo auctor desde 1801.

12. *Oro non compra amore:* burletta arranjada por Caravita. Subiu á scena no inverno de 1804, a beneficio da Gafforini. Executantes: a beneficiada, Praun, Francesco Gafforini, Giuseppe Naldi, etc.

13. *Merope:* drama serio cantado em 13 de maio de 1819, anniversario del-rei D. João VI. Foi executado n'esta representação por Luiza Franconi, Theresa Appiani, Luiz Mari, Francisca Barlesina, etc. Com quanto não se encontrasse libretto mais antigo d'esta opera, parece fóra de dúvida que ella subíra pela primeira vez á scena no mesmo theatro, em beneficio da Catalani, por 1804 ou 1805.

14. *Fernando in Messico:* drama serio cantado no anno de 1805 por Catalani, Mattucci, Mombelli, Olivieri, etc. É tido entre os estrangeiros como a obra prima de Marcos. Havia sido anteriormente representado nos theatros de Roma, 1797, e Veneza, 1798; porém com musica algum tanto diversa.

15. *Ginevra di Scozia:* poema de Caravita, representado no inverno de 1805, a beneficio da Catalani. Foi desempenhado por esta, e por Mombelli, Gaetano Nery, Mattucci, Olivieri, etc. Era adornado de vistoso e riquissimo scenario, com vistas pintadas por Mazzoneschi.

16. *Il duca di Foix:* poema de Caravita, extrahido da tragedia de Voltaire. Foi cantada em 1805, em beneficio da Catalani, sendo executantes a beneficiada, Mattucci, Mombelli, Olivieri, etc. Drama de grande apparato, em que, na scena 6.ª do 2.º acto, havia vista de um acampamento militar, etc.

17. *Morte di Mitridate:* drama tragico arranjado por Caravita. Subiu á scena no carnaval de 1806, em beneficio do primeiro tenor Domenico Mombelli. Foram executantes: este, Catalani, Mattucci, Olivieri, Bonini, etc.

18. *Artaserse:* drama serio, poema de Metastasio, arranjado por Caravita, e representado no outono de 1806, em beneficio da *prima donna* Eufemia Eckart. Foi cantado pela beneficiada, por Mombelli, Marianna Sessi, Gianfardini e Filippo Senese. A Catalani saira n'este anno de Lisboa por Hespanha para Londres e Paris.

19. *Demofoonte:* drama serio representado pela primeira vez em Lisboa na recita extraordinaria mandada dar pelo general Junot a 15 de agosto de 1808. Foi desempenhado pela Eckart, Nery, Calderini, Bianchi, etc. Não encontrâmos libretto d'esta data, e só sim outro de 1819, que mostra que a opera voltára á scena n'esse anno, a 25 de abril, anniversario da rainha D. Carlota Joaquina. Foram executantes: Luigi Mari, Carolina Massei, Theresa Zappucci, Theresa Appiani, Justina Piacentini, etc. Com o mesmo titulo, mas talvez com differente musica, a fizera Marcos representar anteriormente no theatro de Milão, em 1793. Note-se que ha com egual titulo uma opera de Jomelli, representada no paço da Ajuda em 1775, e outra do compositor Vogel, fallecido em 1788.

20. *Il trionfo di Gusmano:* drama serio cantado pela primeira vez em S. Carlos a 10 de janeiro de 1810 (se é exacto o que diz o sr. Benevides a pag. 149 do tomo IX do *Archivo*), ou, conforme o libretto, e que nos parece mais certo, a 10 de junho de 1816, no beneficio da *prima donna* Felice Vergé. Executantes: a beneficiada, Carlo Barlazina, Luigi Mari, Carolina Nery, etc. Temos que esta opera fôra pelo auctor escripta estando já na corte do Rio de Janeiro.

Cumpre notar que em mais de vinte operas, de Cimarosa, Mozart, Paeziello, Zingarelli, Fioraventi e outros diversos auctores, que sob a direcção de Marcos se representaram em S. Carlos no intervallo de 1800 a 1806 [1], introduziu elle em muitos trechos originaes de sua composição, coros, e scenas inteiras em algumas, ou para melhor accommodal-as ao gosto do publico, ou porque assim o requeressem as conveniencias theatraes.

Afóra as vinte que ficam enumeradas, dá-nos o catalogo noticia das seguintes, que foram representadas em diversos theatros da Italia, e que não consta se repetissem no de S. Carlos, a saber:

21. *Il Cina:* opera séria representada em Florença, no theatro della Porgela, 1793.

22. *Zulema:* idem no theatro alla Palla-corda, 1796.

23. *Idante, ossia i sacrifizi d'Ecate:* representada em Milão, no theatro della Scala, 1799.

24. *Alceste:* em Veneza, no theatro della Felice, 1799.

25. *Orazi i Curiazi:* em Ferrara, na abertura do theatro novo, 1799.

26. *I due gobbi:* burletta, em Florença, 1793.

27. *La vedova raggiratrice:* idem, 1794.

28. *L'engano poco dura:* em Napoles, no theatro del Fiorentini, 1796.

29. *L'ecquivoco in ecquivoco:* em Verona, no theatro grande, 1798.

30. *La nozze di Figaro:* em Veneza, no theatro S. Benetto, 1799.

31. *La maschera fortunata:* em um acto, no theatro de S. Moisé de Veneza, 1797.

32. *La madre amoroza:* idem, 1798.

33. *Il filosofo:* idem, 1798.

34. *L'avventurieri*: em Florença, n'um theatro particular, 1795.

Ajuntem ainda, se quizerem, as seguintes, que Fétis lhe attribue, mas de que não apparece vestigio algum no catalogo:

35. *L'eroe cinese:* representada em Turim, 1788.

36. *La bacchetta portentosa:* Genova, 1788.

37. *L'astutto:* Florença, 1789.

38. *Il molinaro:* Veneza, 1790.

39. *Non irritar la donna:* Placencia, 1799.

40. *Il muto per astuzia...*

41. *Omar, re di Temagene...*

42. *Adriano in Siria:* Milão, 1815.

DIVERSAS COMPOSIÇÕES COM A LETRA EM PORTUGUEZ EXECUTADAS EM OUTROS THEATROS DE LISBOA

43. *Pequeno drama*, para celebrar o anniversario da rainha D. Maria I, representado no theatro do Salitre em 17 de dezembro de 1787. Poesia de José Caetano de Figueiredo. Cantado pelos actores José Felix da Costa, Antonio Manuel Cardoso Nobre, Nicolau Ambrozini, Victorino José Leite e José dos Santos.

44. *Idyllio* aos annos da sr.ª infanta D. Carlota Joaquina, representado no theatro do Salitre em 25 de abril de 1788. Poesia de José Procopio Monteiro, actor do mesmo theatro. Cantado por Antonio Manuel Cardoso, Custodio José da Graça e Victorino José Leite, com coros.

45. *Gratidão:* pequeno drama representado no mesmo theatro, para celebrar o anniversario da mesma senhora, em 25 de abril de 1789. Poesia de João Antonio Neves Estrella. Cantado por José Procopio, Antonio Manuel Cardoso, Victor Procopio de Borja e Victorino José Leite (os dois ultimos faziam as partes de damas).

46. *A inveja abatida:* pequeno drama representado no mesmo theatro em 13 de maio de 1789, anniversario do principe do Brasil D. João. Poesia de José Procopio Monteiro. Cantado por José Porphyrio, Victorino José Leite, Antonio Manuel Cardoso, Victor Porphyrio, etc.

[1] Estão n'este caso, segundo verificámos pelos respectivos librettos, *Orfeo ed Euridice*, de Gluck, e *Artaserse*, de Cimarosa, ambas cantadas em 1801, e uma *Didone*, representada em 1803, etc.

47. *A noiva fingida:* drama ou burletta em verso, representada no Salitre em 1790. Traduzida de outra italiana, que se intitula *Le trame diluse.* Foi cantada pelos actores Diogo da Silva, Antonio Manuel Cardoso, José Arsenio, Antonio José da Serra, Victor Porphyrio e Victorino José Leite (os tres ultimos faziam partes de mulheres).

48. *Os viajantes ditosos:* drama ou burletta traduzida para portuguez de outra italiana, *I viaggiatori felice.* Foi cantada no Salitre, em 1790, pelos actores Victorino, Silva, Cardoso, Victor, Arsenio, Santos e Madeira.

49. *O mundo da lua:* burletta traduzida tambem do italiano, com os recitativos em prosa. Foi representada no Salitre, mas não sei que se imprimisse.

50. *A casa de campo:* traduzida de outra italiana intitulada *La villa.* Foi representada no theatro da Rua dos Condes em 1802; mas ignoro se se imprimiu, como tambem as seguintes:

51. *Quem busca lã fica tosquiado:* é tambem traducção de outra italiana, *L'ecquivoco,* e foi á scena na Rua dos Condes em 1802.

52. *O sapateiro:* representou-se no mesmo theatro e no mesmo anno.

53. *A mascara:* idem.

É tambem sua a musica de algumas farças ou entremezes representados em Lisboa pelos annos de 1785 a 1792, taes como *O amor artifice, A castanheira, A casa de café, Os bons amigos,* etc., e varias cantatas com coros e acompanhamento de instrumental, executadas em S. Carlos, etc.

Quanto a musicas theatraes compostas e executadas no Rio de Janeiro, só achámos memoria das seguintes:

54. *A saloia namorada:* farça em musica para ser cantada em 1812, na quinta da Boa-vista, pelos escravos de sua alteza real.

55. *O juramento dos numes:* drama allegorico cantado na abertura do theatro de S. Pedro de Alcantara, em 12 de outubro de 1813. Poesia de D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.

56. *Augurio di felicita; il trionfo del amore:* serenata em duas partes, cantada no paço do Rio de Janeiro em 1817, para solemnisar os desposorios do principe real D. Pedro com a archiduqueza D. Maria Leopoldina. Foi desempenhada pelos cantores da real camara, e a poesia é do proprio Marcos, que aproveitou, quanto pôde, versos de Metastasio, como se declara no libretto impresso d'esta composição.

Assás nos alargámos n'esta resenha, para que possamos continuar descrevendo com egual individuação as composições sacras, em que o genio de Marcos se não mostrou menos fecundo que nas theatraes. Bastará dizer que n'este genero deixou escriptas dezoito missas, das quaes oito com acompanhamento de grande instrumental; seis hymnos *Te Deum laudamus,* primando entre elles o que compozera de principio, a cinco orgãos obrigados, para a real basilica de Mafra, e que depois reduziu a grande instrumental para a capella real do Rio de Janeiro; muitos jogos completos de vesperas e matinas; e immensa quantidade de psalmos, canticos, ladainhas, lamentações de semana santa, motetos, antiphonas, kalendas, etc., etc.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

COMO SE DESPERTA UMA BOA MÃE

(BALLADA DINAMARQUEZA)

Partiu-se Dyring para uma ilha mui longinqua, e ahi se casou com uma linda e córada rapariga.

Viveu este par sete annos em boa harmonia, e a mulher deu á luz sete filhos.

Então passou a morte por aquella ilha e levou a bella mulher de Dyring.

Pouco tempo depois, Dyring foi-se a outra ilha longinqua, desposou outra rapariga e trouxe-a para casa. Mas esta rapariga não era formosa do corpo nem da alma.

Quando entrou para casa de seu marido, as sete criancinhas choravam; choravam e parecia estarem sobresaltadas.

A madrasta repelliu-as com o pé, não lhes deu cerveja nem pão e disse-lhes:

— Terão fome e sêde.

Tirou-lhes os coxins azues e disse-lhes:

— Dormirão na palha nua.

Apagou-lhes as luzes e accrescentou:

— Hão de viver na escuridão.

As criancinhas choraram toda a noite; e sua mãe, ouvindo-as debaixo da terra onde jazia, exclamou consternada:

— Por que não poderei ver agora os meus innocentes filhos!

Apresentou-se então perante o Altissimo e rogou-lhe que a deixasse ver os seus filhinhos. Supplicou tanto e com taes instancias, que Deus accedeu ao seu pedido, mas disse-lhe:

— Quando o gallo cantar voltarás logo ao teu jazigo.

A pobre mãe ergueu-se, pois, no tumulo e conseguiu transpor os umbraes do cemiterio.

Atravessa a aldeia, e os cães uivam por onde ella passa.

Chega á porta da sua antiga casa, e encontra ainda levantada a filha mais velha.

— Que fazes, minha filha? Como estão teus irmãos e tuas irmãs?

— Sois uma bella senhora, mas não vos pareceis com a minha querida mãe. Minha mãe tinha as faces alvas e rosadas, e vós tendes no rosto a pallidez da morte.

— E como posso estar alva e rosada, se ha tanto tempo descanço em um tumulo?

E entrou no quarto de seus filhinhos. Pelas faces de todos corriam amargas lagrimas.

Tomou um e beijou-o; tomou outro e acariciou-o; correu as mãos pelos cabellos do terceiro, e não se esqueceu de afagar o quarto; e o quinto, o mais novo, tomou-o nos braços e chegou-o ao seio.

Depois, chamando sua filha primogenita:

— Vae dizer a Dyring que estou aqui e desejo fallar-lhe.

E quando Dyring assomou á porta do quarto de seus filhos, a boa mãe dirige-se para elle em tom de severa reprehensão:

— Deixei-te cerveja e pão, e meus filhos tem fome e sêde; deixei-te coxins azues, e meus filhos dormem sobre a palha nua; deixei-te candelabros, e meus filhos vivem na escuridão. Se é mister que eu volte aqui todas as noites, virá commigo a desgraça. Pensa n'isto, Dyring... Canta o gallo vermelho; diz este signal que todos os mortos devem entrar na terra: canta o gallo negro; é porque se abrem as portas do ceo: canta o gallo branco; é porque me avisa de que não posso estar aqui mais tempo... Pensa no que te disse, Dyring.

Então a madrasta, que tinha ouvido tudo, exclamou:

— Serei de hoje em diante boa mãe para os teus filhos.

E depois d'este dia, quando o marido e a mulher ouviam os uivos do cão, davam de comer e beber ás pobres criancinhas; e quando o ouviam ladrar, refugiavam-se no interior da casa, com receio de que a morte lhes apparecesse e os castigasse.

Eis uma boa lição para as ruins madrastas.